

Greve

Atos em São Paulo

Funcionários públicos da Esalq/USP participam, hoje, de eventos na capital do Estado

JULIANA FRANCO

Da Gazeta de Piracicaba

juliana.franco@gazetadepiracicaba.com.br

Os servidores da Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/Universidade de São Paulo) que aderiram ao movimento de greve - iniciado há 35 dias - participam, hoje, de dois atos em São Paulo. O primeiro, intitulado Fórum das Seis, ocorre às 11h, em frente à reitoria da Unesp (Universidade Estadual Paulista). Às 14h, os grevistas participam da votação da LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias).

A exemplo do que ocorre desde o início da greve, ontem, das 5h às 14h, funcionários se reuniram perto da entrada principal da Esalq e fecharam os acessos à instituição - apenas a entrada pelo túnel estava liberada. "Hoje, na capital, nosso objetivo é fazer com que a presidente do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp), Marilza Vieira Cunha, que também é reitora da Unesp, abra espaço para as negociações salariais", explica o diretor estadual do Sintusp, Omy Rodrigues de Campos. "No período da tarde, vamos de caravana com representantes das três universidades, USP, Unesp e Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) acompanhar a votação da LDO, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Sabemos da expansão das três universidades no último ano, inclusive temos conhecimento do crescimento das Etecs e Fatecs. Por isso, vamos lutar pelos



Fotos: Cristiano Dieli Neto

Paralisação é por reajuste salarial, melhorias nas condições de trabalho e maior transparência na administração

nossos direitos", acrescenta.

Ainda segundo Campos, hoje, 9,57% do orçamento do Estado é repassado para as três instituições de ensino. A categoria reivindica que 33% do orçamento de São Paulo seja destinado à educação e que o repasse para as universidades suba para 11,6%, além da destinação de outros 2,1% as Etecs e Fatecs.

AUMENTO

Campos explica que a paralisação é por reajuste salarial,

mas também por melhores condições de trabalho, maior transparência na administração da universidade e manutenção pelo ensino público de qualidade. "Queremos poder eleger o reitor da universidade, queremos mais democracia. Zero por cento de aumento é inaceitável", opina.

A data-base da categoria é primeiro de maio - são três categorias dentro das instituições de ensino: básica, técnica e superior. Apenas na Esalq,

são cerca de 1.100 funcionários. Mais de 350 profissionais aderiram ao movimento, segundo o sindicalista.

O estopim da greve foi a decisão do Cruesp de congelar os salários dos funcionários das instituições. Para Campos, a categoria reivindica 9,78% de aumento. "O salário foi o estopim, mas também queremos mais verbas para investir no campus", diz o sindicalista.

TRANSTORNO

Funcionário há 33 anos da

NÚMERO

35

dias

é o tempo de paralisação dos funcionários da Esalq, campus da USP em Piracicaba

Esalq e morador do campus, Ronaldo José Rabelo diz que não é contra a paralisação, mas não concorda com as represálias que sua família sofre. O filho, que trabalha na Unileste, retorna para casa às 6h e tem sido impedido de ingressar no campus. Já a mulher, que sai próximo ao horário para trabalhar, enfrenta dificuldades para deixar a universidade.

"Eu moro na Esalq e os carros são identificados. Meu filho e minha esposa não trabalham na instituição. Não sou contra a greve, mesmo porque compartilho da opinião de que zero por cento de aumento é inadmissível. Mas tenho o livre arbítrio de escolher por participar da ação ou não. Optei por não participar porque acredito que deve haver um bom senso em ações como esta", explica Rabelo. "Minha família não deve sofrer represálias. Em minha opinião é necessário organização no movimento. Não custa avisar aos que necessitam entrar ou deixar o campus, qual a entrada disponível. Além disso, não acho certo impedir a entrada de qualquer pessoa na universidade", finaliza.

PROFESSORES

Greve completa um mês

Desde o dia 2 de junho, os docentes da Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/Universidade de São Paulo) estão em greve. De acordo com o professor do Instituto de Geociências da universidade e presidente da Associação dos Docentes da USP (Adusp), Ciro Correia, o movimento mostra que os docentes dizem não à postura da nova reitoria da instituição e também do Conselho de

Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp), que congela os salários em 2014. Hoje, na Esalq, são 260 educadores. "Isto é um retrato da falta de transparência e democracia na USP. E esta atitude não vai de acordo com a instituição de ensino. O reitor assumiu dizendo que faria diferente, mas age da mesma forma. A decisão de congelar os salários foi autocrata e apenas anunciada aos professores, que não

foram chamados para discutir a situação ou para serem ouvidos", afirma. A categoria reivindica a reposição da inflação no período de maio de 2013 a abril deste ano, de 7,05% segundo o Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) e mais 3% referentes a perdas históricas de salários. "Mas os 3% podem ser negociados", diz Correia.



Diretor do Sintusp, Omy Rodrigues de Campos, participa da caravana